





Simões Bayão

A CIRURGIA DENTÁRIA NO EXÉRCITO  
O CONGRESSO DENTÁRIO INTERNACIONAL, 1919.  
Projecto de uma Escola Dentária, 1918.  
Serviços odontológicos, 1919.

# A CIRURGIA DENTÁRIA NO EXÉRCITO

Edição da Sociedade Odontológica Portuguesa  
Lisboa  
1919

DO MESMO AUTOR :

O CONGRESSO DENTÁRIO INTER-ALIADOS, 1916.

PROJECTO DE UMA ESCOLA DENTÁRIA, 1918.

SERVIÇOS ODONTOLÓGICOS, 1919.

SIMÕES BAYÃO

# A CIRURGIA DENTÁRIA NO EXÉRCITO



SOCIETY ODONTOLÓGICA PORTUGUESA

RC  
MACE  
617  
BAI

Edição da Sociedade Odontológica Portuguesa

LISBOA

1932

SIMÕES BAYÃO

# A CIRURGIA DENTÁRIA NO EXÉRCITO



Edição da Sociedade Odontológica Portuguesa

LISBOA

1932

*EXCELENTÍSSIMO SENHOR*

*MINISTRO DA GUERRA:*

*Tenho a honra de remeter a V. Ex.<sup>a</sup> o relato do que se passou no VIII Congresso Dentário Internacional, ao qual assisti como representante do Exército Português, por imerecida distinção de um dos antecessores de V. Ex.<sup>a</sup>, o Excelentíssimo Senhor Brigadeiro Schiappa de Azevedo—a quem presto as minhas maiores homenagens.*

*Desejando que as minhas observações fôsem conhecidas de um público mais vasto que o limitado ambiente das secretarias do Estado, permiti-me dar a esta exposição a forma de um livro, muito modesto embora, em que médicos, cirurgiões dentistas e tôdas as pessoas interessadas pelos problemas das organizações científicas aproveitem alguns dados informativos. Não me esque-*

*cendo das diligências, feitas em longos anos junto das estações oficiais portuguesas a favor dos melhoramentos dos serviços odontológicos, aproveitei o ensejo para estabelecer comparações entre o que vi e observei e o que possuímos em Portugal. Essa comparação é dolorosa e conduz a conclusões nada lisongeiros para o nosso amor próprio nacional. Como débil consolação e em afirmação de princípios, voltei a insistir sobre as necessidades mais urgentes do país em matéria de odontologia. Eis por que, Senhor Ministro, eu fiz um pouco mais do que um relatório burocrático, destinado ao sono das gavetas; assim, ampliado em livro e em propaganda, êste pobre escrito talvez desperte algum éco nos espíritos desejosos de impelir o país por sendas novas de progresso e cultura.*

*Se à esclarecida atenção de V. Ex.<sup>a</sup> esta exposição comentada, em que mais duma vez transparece a mágua do atrazo da odontologia em Portugal, acordar simpatia e interêsse por êste problema da maior importância e urgência, quer para a saúde pública, quer para a organização do exército, na paz e na guerra, dar-me-hei por feliz e sobejamente compensado duma longa e laboriosa campanha em prol duma técnica e*

*duma organização científicas, que a ignorância vulgar com seus empedernidos preconceitos condena a um lamentável marasmo.*

*Digne-se V. Ex.<sup>a</sup> aceitar esta limitada contribuição para os serviços, a cargo da sua esclarecida e distinta competência, e com ela os meus melhores respeitos.*

*Lisboa, 1 de Março de 1932.*

*Um pouco de SIMÕES BAYÃO.*



Em Novembro de 1918, dois anos após o início da Grande Guerra, reuniram-se em Paris o Congresso Democrático Inter-Alíado, ao qual deu a honra de tomar parte como representantes os portugueses da Guerra Portuguesa. Para comemorar este acontecimento, a Associação de Professores e Alunos da Universidade de Coimbra decidiu publicar este livro.

### CAPÍTULO I

## Um pouco de história

Desde o início da guerra, a situação política em Portugal foi muito complicada. O governo de Sá Carneiro, que tinha sido formado em 1916, não conseguiu manter-se no poder por muito tempo. Em 1917, foi substituído pelo governo de Sá da Costa, que também não conseguiu manter-se no poder por muito tempo. Em 1918, foi substituído pelo governo de Sá da Costa, que também não conseguiu manter-se no poder por muito tempo.

Em 1918, a situação política em Portugal foi muito complicada. O governo de Sá da Costa, que tinha sido formado em 1917, não conseguiu manter-se no poder por muito tempo. Em 1918, foi substituído pelo governo de Sá da Costa, que também não conseguiu manter-se no poder por muito tempo.

U. Rel. de 45 193



Em Novembro de 1916, isto é, dois anos após o início da Grande Guerra, realizou-se em Paris o Congresso Dentário Inter-Aliados, no qual tive a honra de tomar parte como representante do Ministério da Guerra Português. Êste congresso — de notável importância —, onde os profissionais das nações aliadas apresentaram e discutiram todos os assuntos que se prendiam com a especialidade, teve por fim, não só mostrar a forma de, com o menor dispêndio de tempo, tornar eficaz a técnica já conhecida das mais vulgares operações, mas também tratar da distribuição dos serviços de forma a torná-los acessíveis a todos os homens em campanha; e ainda e muito especialmente apresentar tôdas as inovações que, dia a dia, iam sendo introduzidas na prótese maxillo-facial.

Dois anos de guerra haviam trazido, à custa de muitas experiências, nem sempre felizes, e de não poucas decepções, grandes ensinamentos que era necessário aproveitar. Ninguém se havia preparado para a guerra de trincheiras; e erros e deficiências todos os países os tiveram no comêço das hostilidades. Mas a lição fôra cara e à medida das apressadas circunstâncias tudo se criou e se foi modificando.

Tendo acompanhado de perto tôdas estas fases,

por haver trabalhado com mestres franceses no Dispensário Militar do «Comité» de Socorros aos Feridos da Guerra, durante o período de 1914-1915, tendo depois tomado parte no referido congresso em 1916, regressei a Portugal, esperançado em que o meu país acompanharia dentro em breve os progressos que lá fora se patenteavam, as organizações e modificações cuja necessidade se evidenciava, melhorando, tanto quanto possível, a situação daqueles que, no que respeitava a socorros odontológicos, apenas tinham o acaso por auxílio. E neste sentido, quer oficialmente por parte da Sociedade Odontológica Portuguesa, quer particularmente, em cooperação com o meu distinto colega Clarimundo Vitor Emílio, comecei a trabalhar com afinco, diligenciando mover para um assunto de tanta oportunidade o interêsse daqueles que têm a seu cargo ordenar e fazer cumprir.

Se os caprichos da política não tivessem afastado tão cedo do cargo de Ministro o distintíssimo official senhor General Norton de Matos, certamente não teriam cabimento os comentários que os factos me obrigam hoje a expôr aqui, porquanto S. Ex.<sup>a</sup>, compreendendo as necessidades do exército, e, como grande e indiscutível organizador que é, a isso teria obstado. Foi na sua vigência que apareceu o primeiro projecto de lei sobre cirurgões-dentistas e mecânicos, seguindo-se depois a sua mobilização, a qual não teve seqüência, devido às tempestades políticas que o impediram; e assim em vez de se terem tornado realidade as intenções do legislador, iniciadas na referida ordem do exército, tudo paralizou

e o complemento da sua obra derivou para um rumo bem diferente — o do acaso.

Criou-se um hospital militar em Campolide tendo por director o eminente cirurgião — Professor Francisco Gentil, instalou-se nesse hospital a prótese maxilo-facial, sob a direcção do colega Clarimundo Emílio, chegou a estabelecer-se a selecção de cirurgiões dentistas e mecânicos para o preenchimento dos vários cargos, tudo prestes a funcionar, mas a regulamentação absolutamente indispensável para o bom funcionamento e aproveitamento dos serviços ficou no papel e bem assim tôda aquela utilíssima função hospitalar, porque a substituição ministerial, após a revolução de 28 de Maio, a isso obstou.

E tudo isto se ia passando ante o indiferentismo daqueles que, bem longe do desenrolar dos acontecimentos, criminosamente se esqueciam dos que, tão distantes da Pátria mas ao seu serviço, expunham constantemente a vida.

Quais foram os socorros, as providências que os soldados portuguezes, quer os necessitados de cuidados dentários, quer os feridos de maxilares e face, encontraram no teatro da guerra?

Ei-los em poucas palavras:

Mercê do mesmo decreto, improvisou-se ataboardamente em França — sem regulamentos, ao acaso das circunstâncias — uma secção de Estomatologia, composta pelos capitães médicos Rocha Manso e Madeira Pinto, do tenente cirurgião dentista Falcão e de dois mecânicos examinados naquele país. Dispersos, destacados

Onde se lê 28 de Maio leia-se 5 de Dezembro.

por várias unidades, os tenentes cirurgiões dentistas Anahory, Vilhena e Brum da Silveira; no Pôsto de Socorros da Base, o tenente cirurgião dentista Lagoy, bem como um mecânico também promovido em França e que mais tarde passou ao Hospital da Base n.º 1, mas fazendo parte do Hospital de Cirurgia e não da Secção de Estomatologia.

A completar êste improvisado serviço partiram de Lisboa, em 9 de Janeiro de 1918, dois primeiros sargentos mecânicos dentistas, examinados e promovidos na capital (1), dois segundos cabos enfermeiros, dois soldados «chauffeurs» e nove soldados maqueiros; mas esta comitiva permaneceu em Brest sem destino, durante cêrca de dois meses, para depois sair, por partes, para o Depósito Mixto da Base, onde permaneceu até tudo ser desbaratado, após o ataque de 9 de Abril. Nesta altura, Brum foi destacado para o hospital estacionário n.º 32, próximo do Aire, onde permaneceu até ao recuo dos alemães. Ali prestou ainda serviços com dois cirurgiões dentistas ingleses, intervindo eficazmente na protese maxilo-facial. O carro de Estomatologia—oferta da Inglaterra—passou para Hesdigueul, adido à secção de Higiene e Bacteriologia, e só então o capitão médico Madeira Pinto, teve conhecimento pelo Chefe do Serviço de Saúde—tenente coronel mé-

---

(1) O juri, nomeado pelo Ministério da Guerra para examinar os candidatos a mecânicos dentistas, compunha-se dos capitães médicos, Drs. Costa Rodrigues e Juvenal de Paiva e do autor do presente relatório.

dico Monterroso, de que o seu pessoal se encontrava em França desde Janeiro!

Por essa ocasião era requisitado para o Hospital da Base n.º 1, o pessoal necessário para o tratamento urgente de mutilados dos maxilares e face. Por tal motivo, parte em diligência para o local, o capitão médico Madeira Pinto, acompanhado de um mecânico. Mas aquele estabelecimento não possuía material necessário, a sua requisição — calculava-se — devia demorar três meses, aproximadamente, e assim aquele pessoal permanece inactivo, e os feridos, apesar da urgência, são evacuados, após tão longas «démarches», para hospitais ingleses.

Depois disto, regressa Madeira Pinto à Pátria, com 90 dias de licença da Junta, tendo também regressado, dados como incapazes, os tenentes cirurgiões dentistas Anahory, Falcão e Vilhena. Os restantes, Brum da Silveira e Lagoy, continuaram em luta com a falta de recursos materiais, prestando, conforme podiam, os seus serviços, ora no Hospital de Sangue n.º 8, ora no Posto de Socorros da Base. A Secção de Estomatologia, reduzida a dois mecânicos, sem chefe especializado, entregue ao tenente médico miliciano Manuel Luís de Carvalho Cerqueira, limitava as suas funções à confecção e reparação de aparelhos de prótese simples e extracções, até que foi dissolvida em 20 de Março de 1919.

Eis o resumo lamentável dos serviços odontológicos no C. E. P., devido à falta de organização e regulamentação indispensáveis ao proveitoso desempenho de qualquer função.

A bem da verdade é, no entanto, justo dizer-se que, se os serviços odontológicos, durante a Grande Guerra, ficaram em tão tristes condições de inferioridade perante a complexa organização dos outros países, ainda alguma cousa de proveitoso saíu do decreto que mobilizou o pessoal técnico. É que até então, esta especialidade no nosso «front», no que respeita aos casos rudimentares e banalíssimos, corria à mercê de curiosos de tôdas as categorias—como nas longínquas aldeias em que escasseiam recursos; e para os outros casos, para os mutilados, para aqueles que justificaram a criação dos postos de Estomatologia—que entre nós nunca existiram,—restava apenas o recurso, embora dentro do bom senso, mas deprimente para a nossa dignidade de oficiais portugueses e profissionais, de os fazer transferir para os hospitais estrangeiros, por ventura sujeitos aos inconvenientes graves de um socorro tardio.

## CAPÍTULO II

### A situação presente



Descrito o que foi a nossa «organização» em tempo de guerra, analize-se o que possuímos em tempo de paz, através do escôrço, que adiante apresento, dos relatórios enviados ao VIII Congresso Dentário Internacional e comparemo-lo com o que existe nalguns países europeus, onde a mais se aspira ainda, por se julgar insuficiente o muito que se possui.

Em Portugal, os cuidados dentários a dispensar a tôda a população militar, composta das nove armas e especialidades que formam os quadros permanentes do exército metropolitano:—Estado Maior, Engenharia, Artilharia, Cavalaria, Infantaria, Aviação, Serviço de Saúde e Veterinária, Administração Militar e Secretariado Militar, estão entregues a dois capitães cirurgiões dentistas que, um no Hospital Militar Principal de Lisboa, outro no Hospital Militar Principal do Pôrto, com reduzido material e reduzidíssimo pessoal de auto-habilitação, fazem o máximo dentro do possível e do imprescindível. Nada mais por outras terras de Portugal Continental e Ilhas Adjacentes, nada, absolutamente, por essa vastidão das colónias longínquas.

Como único complemento, como suprema medida de preservação a todos os males e complicações bucais, estes dois períodos do folheto «Divisão de Instrução—

Serviço de Saúde», no seu Cap. II, n.º 2, que trata da Higiene Individual das Tropas em Campanha :

«A boca e os dentes devem ser lavados todos  
«os dias com uma escova e com pós de bicarbonato  
«de sódio, para evitar a carie, os abscessos e as  
«dores de dentes.

«Cada soldado deve usar exclusivamente da  
«sua própria escova.»

Ainda que, em tempos de paz, estas simples e imprescindíveis medidas higiênicas, duma modéstia triste, sejam seguidas com o preciso rigor,—e tenho bem fundadas dúvidas a tal respeito,—seria ridículo afirmar-se que elas bastam como garantia da perfeita dentição dos 63.798 sargentos, cabos, soldados, recrutas, que constituem o efectivo do exército metropolitano—para só dêste falar—ou que elas representem preservativo eficaz contra um dos mais espalhados males da humanidade.

Expôr aqui os inconvenientes de uma má dentição, as complicações, as múltiplas afecções orgânicas a que ela dá origem, seria uma fastidiosa e desnecessária repetição do que está estudado, provado e escrito em todos os tratados da especialidade, em tôdas as revistas e periódicos de assuntos odontológicos, em que os números falam, os casos surgem e se repetem e que indiscutíveis autoridades firmam. Só nos cabe, portanto,—entre nós—estudar e propôr,—dentro do mais perfeito para que se execute dentro do mais possível,—a forma de uma organização de serviços dentários no exército, em tempo de

paz, que poderia, talvez, satisfazer como eficiente e completa.

Desde que passou a nossa hora de triunfo e de originalidade histórica, vivemos parasiticamente da embevecida e declamatória contemplação dêsse passado, esquecendo o dever de reconquistar novos prestígios no mundo, contentando-nos, na frase de alguém, com ser netos de avós ilustres em vez de nos prepararmos para ser avós ilustres de futuros netos. Seja falta de dinheiro, seja falta de preparação ou de iniciativa própria, caminhamos sempre na retaguarda, copiando modelos estrangeiros, não raras vezes já velhos e gastos ao chegarmos às mãos e importando, a medo, ciência e progresso, nem sempre recebidos com entusiasmo pela nossa civilização. Curioso é, porém, notar, que quando, mercê de um arranco mais enérgico, duma mais desempoeirada visão, alguma coisa nova vem beneficiar a antiqüada rotina, é, em geral, apurada e moderna a inovação, o que pode ser a justificação do orgulho de, em certos casos, estarmos a par das mais avançadas nações do mundo. Eis porque, *malgré tout*, não deixei ainda de aguardar que os serviços dentários no nosso exército, contemporâneos do atrazo de há meio século de outras nações, surjam, um dia próximo, a par dos países avançados, mercê do forte impulso de uma vontade enérgica.

Necessitamos crer e ter esperança para continuar esta campanha pela boa doutrina.



### CAPÍTULO III

## Relatórios estrangeiros no Congresso

(Súmula)



Os principais relatórios apresentados ao VIII Congresso Dentário Internacional pelos representantes dos diferentes países sôbre os «Serviços Dentários no Exército» — resumidos neste capítulo — constam, mais ou menos, de aperfeiçoamentos a introduzir em países onde, melhor ou pior, os serviços dentários se acham já organizados. Alguns mesmo, e destes citarei os da Marinha Inglesa, podem, depois da guerra e com os melhoramentos que lhes têm sido introduzidos, considerar-se hoje modelares, e o relatório dos cirurgiões dentistas ingleses — Andrew Macpherson e Paul White — quasi se limitam à descrição dos seus estabelecimentos de instrução, depósitos, hospitais, laboratórios dentários, navios, etc.

O número de oficiais cirurgiões dentistas na marinha de guerra inglesa é actualmente de 186, distribuídos por aquelas diferentes unidades.

Já quanto ao exército de terra, apesar de há cêrca de 30 anos ali se acharem organizados os seus serviços dentários, apesar da sua acção notável durante a guerra, ainda o major cirurgião-dentista Clewer, no seu relatório, apresenta alvitres tendentes a aperfeiçoar estes serviços, tais como o do número de profissionais cirurgiões dentistas, que entende dever modificar. Assim, para um exército de 200.000 homens, acharia dever existir 300 oficiais

cirurgiões dentistas e 450 auxiliares (é necessário ter em vista a economia nacional).

Como todos, insiste sôbre a conveniência da instrução às tropas sôbre higiene bucal.

Efectivamente, se todos se compenstrassem bem do importante papel que tal higiene representa no estado geral do indivíduo, graves inconvenientes seriam evitados. Infelizmente essa higiene é, pela maioria, desconhecida e os próprios cuidados dentários — como numa conferência há tempos afirmou George Villain, ilustre sub-director da Escola Dentária de Paris — para a maioria dos mobilizados, apenas se limitam a extracções.

Como parêntesis, seja-me permitido acrescentar que não só entre recrutados do exército se nota essa ignorância. Em Portugal, infelizmente, outras classes, outra categoria de pessoas, apenas vêem no cirurgião dentista o arrancador de dentes e na cadeira de cirurgia o pôtro do martírio. E para isso muito têm concorrido os poderes públicos, abandonando a profissão à mercê de quem pretenda explorá-la, quer desinteressando-se da criação do ensino, quer patrocinando o seu exercício ilegal.

Trata ainda o major Clewer, no seu relatório, da Cooperação com os serviços médicos para manter as tropas, em todo o tempo, em perfeito estado físico; das categorias, que deverão ser equivalentes às dos oficiais combatentes, com as mesmas garantias; do equipamento dentário — o mais completo em tempo de paz, o indispensável, simples, prático e de primeira necessidade, em caso de guerra.

Tem ainda em vista a alimentação, que tanta influência tem em certas doenças, como o «mal de Vincent», o qual, pela sua gravidade, deve ser objecto de uma especial vigilância. Entende ainda que o dentista militar deve ter uma especial preparação.

Este parecer é seguido por outros relatores e, por minha parte, não posso deixar de dar-lhe o meu maior aplauso. Efectivamente, pelas espécies de tratamentos a fazer, pelos indivíduos com quem tem a tratar, pelas noções a ministrar, e ainda para os casos que, em tempo de guerra, constantemente aparecem, e a que é necessário dar rápida e boa resolução, como seja a prótese-maxilo-facial, adaptada aos mutilados muitas vezes logo após ou mesmo antes da intervenção cirúrgica,—o dentista civil, habituado à vulgar clínica de gabinete, deve ter constantes embaraços. Essas dificuldades, muitos as encontraram, tendo até sido necessário seleccionar—segundo o maior ou menor treino e vocação—para um ou outro serviço e não foram poucos os que realizaram o complemento dessa preparação no «Comité» de Socorros aos Feridos de Maxilares e Face, creado em Paris em 1915 pela Escola Dentária de Paris.

Pondo de parte outros relatórios, onde pouco se encontra de maior interesse para nós, referir-me-hei a um ou outro apresentado por cirurgiões dentistas franceses, onde muito há a aproveitar, pelos pontos importantes em que tocam e que tanto se harmonizam com a minha maneira de ver, sobre a organização ideal dos serviços dentários no exército do nosso país.

Deve dizer-se que, durante muito tempo, não foi a França que esteve à frente das nações no que respeita a uma boa organização dos serviços dentários. A história desses serviços resumem-na os srs. Jacques Fildermane, Pierre Budin e Charles Wintergerst — todos cirurgiões dentistas militares de 1.<sup>a</sup> classe no seu relatório apresentado ao recente congresso. Por ali se vê que já em 1880 existiam esses serviços, ainda que em limitada escala, nos hospitais militares, serviços que se resumiam a tratamentos de urgência. Desde então os serviços evoluíram; em cada congresso eram emitidos votos tendentes a melhorá-los e nesse sentido se iam pondo em prática várias medidas.

Em 1906 os serviços dentários no exército funcionavam oficialmente na Alemanha, Inglaterra, Espanha, Itália, Estados Unidos e República Argentina.

Quando da Grande Guerra, os serviços dentários no exército francês, não estavam organizados de forma a tornarem eficaz e proveitosa a cooperação dos dentistas. Ainda em 1913 os poderes públicos consideravam o cirurgião dentista durante a guerra como «gêne et embaras». Os factos, porém, vieram demonstrar o contrário. O número de soldados inutilizados em virtude de incómodos dentários, aqueles que em virtude de fracturas maxilo-faciais exigiam a intervenção rápida dos especialistas e da respectiva prótese, foi tão grande que o assunto teve que ser olhado com a atenção devida. A proposta de Justin Godart, senador e mais tarde sub-secretário de Estado do Serviço de Saúde—sobre a organiza-

ção dos serviços dentários militares — foi atendida em Fevereiro de 1916, sendo criado o corpo de dentistas militares em terra e mar. Essa proposta baseava-se principalmente nas razões seguintes :

1.<sup>a</sup>—Necessidade de recuperar para o serviço armado os homens julgados inaptos por falta de dentes ;

2.<sup>a</sup>—Necessidade de evitar que fôsem evacuados doentes e a indisponibilidade no corpo do exército por motivo de perturbações dentárias ;

3.<sup>a</sup>—Necessidade de aplicar próteses, tratamentos e cuidados com o fim de melhorar feridos da face.

O valor de tais serviços foi bem evidenciado no Congresso Inter-Aliados, realizado em Paris em Novembro do mesmo ano. O número de trabalhos apresentados, não só sôbre a respectiva organização, como sôbre os casos que a guerra fez surgir e a que foi dado pronto e eficaz remédio, bem demonstraram que o dentista militar era um elemento indispensável. Fôra um êrro a sua não inclusão oficial logo no comêço das hostilidades.

Em França acham-se já hoje criados os serviços dentários oficiais.

No capítulo 2.<sup>o</sup> do seu relatório, tratam ainda os srs. Fildermane, Pierre Budin e Wintergerst da organização ideal dos serviços dentários no exército em tempo de paz, que dividem em três capítulos principais :

1.<sup>o</sup> — *Organização dos serviços* — Constan dos serviços centrais que compreenderiam :  
gabinetes dentários de guarnição,  
gabinetes dentários de tropa,

gabinetes dentários de campo,  
um serviço de prótese simples,  
um serviço de prótese maxilo-facial.

2.º—*Pessoal*—Cirurgiões dentistas à frente dos gabinetes dentários e dos centros de prótese simples, com os mecânicos e enfermeiros necessários; cirurgiões à frente dos centros maxilo-faciais, tendo por colaboradores os cirurgiões dentistas; (aqueles seriam sempre médicos cirurgiões de carreira).

3.º—*Funcionamento dos referidos serviços*; dispositivos das salas, mobiliário, instrumental; espécie de tratamentos.

Como a maioria dos relatores, insistem sôbre: inspecção bucal no acto da incorporação, higiene bucal, fichas sôbre o estado da boca que poderiam, em caso de morte, servir para identificação.

Os centros maxilo-faciais—fora do estado de guerra—destinar-se-iam a tratar feridos de fracturas por coice, queda de cavalo, acidentes de automóvel, queda de avião, etc. Deles, evidentemente, faria parte um bem montado serviço radiográfico.

Tratam depois da organização ideal dos serviços dentários no exército em tempo de guerra que reputam importante e a que dão certo desenvolvimento, citando as seguintes definições de Sauvez sôbre a missão dos cirurgiões dentistas de guarnição, que consistem:

1.º—Aliviar os que sofrem;

2.º—Manter os efectivos, cuidando dos enfermos e recuperando os doentes considerados deficientes, sob o ponto de vista dentário;

3.º—Divulgar na tropa as noções gerais de higiene da boca.

Dêste relatório bem pode deduzir-se a seguinte consideração, muito importante:

Se todos os soldados tivessem a boca em bom estado, isto é, convenientemente tratada, estaríamos certos de que não seriam as perturbações dentárias que os impediriam do seu serviço, não devendo esquecer-se que foram essas perturbações que, na última guerra, grande número de baixas produziram.

Ainda dos mesmos relatores:

«A Escola e o Exército são os dois lugares onde a nação exerce um certo «contrôle» sôbre o indivíduo; deveria ela, pois, em atenção ao bem estar do próprio indivíduo e como garantia do seu porvir, constituir de uma maneira perfeita, serviços cuja organização e funcionamento acabamos de desenvolver».

J. H. Dumont de colaboração com L. Viau—ambos dentistas militares de 1.ª classe de reserva—apresentaram o seu relatório que intitularam:

«*Ensino especial dos dentistas militares de reserva*».

Em todo êste relatório se evidencia a grande importância do papel dos cirurgiões dentistas no exército. Durante a última guerra mais de 230.000 homens ficaram aptos para o serviço, graças à prótese dentária e maxilo-facial, executadas pelo cirurgião dentista, permitindo ao



cirurgião praticar intervenções que, por si só, nunca teria levado a bom caminho.

Salientando quanto é diferente a clínica particular da que deve ser exercida nos regimentos, entendem absolutamente necessária uma educação especial do cirurgião dentista do exército,

como oficial — atendendo a que sendo militar deve receber uma educação apropriada à sua situação e ao serviço no qual deve exercer a sua especialidade, e  
como dentista — aperfeiçoando os seus conhecimentos, com especial vista ao meio em que irá desenvolver a sua actividade.

Essa educação ou aperfeiçoamento serão feitos em visitas a museus para melhor se familiarisarem com peças anatómicas, em trabalhos práticos e manipulações frequentes de material, conferências, lições e finalmente por estágios em hospitais, onde sejam tratados feridos da face.

Deverá ainda familiarisar-se com material diferente do da sua clínica particular; aquele será simples e forte para a obtenção de resultado satisfatório. Assim a prótese será simples e de uma garantida solidez, atendendo-se mais à parte fisiológica do que à estética.

Estudará profundamente a patologia buco-dentária; uma negligência num exame bucal poderá ocasionar graves perturbações numa importante aglomeração de homens, como seja o exército, podendo facilitar o desenvolvimento de uma epidemia (estomatites ulcero-membranosas, diftéricas, aftosas, etc.).



Terá em atenção que as extracções praticadas a tempo poderão, muitas vezes, evitar sucessos dolorosos e até, por vezes, fatais, e quando os homens pertençam a centros de aviação, merecer-lhes-há especial cuidado o exame dos dentes; lesões banais para um soldado do exército de terra, podem representar complicações inesperadas e perigosas com as mudanças de altitude. Aplicará, pois, os conhecimentos profissionais às necessidades do meio, intervindo depressa e eficazmente.

Quando se trate de doenças de demorado tratamento e nem sempre com possibilidade de êxito, como acontece com a pyorrea, deve sempre praticar-se a extracção.

Instruir-se-hão os soldados sôbre regras de hygiene, levando-os a cuidar da boca e fazendo-lhes ver que as doenças graves têm uma importante repercussão bucal que permite diagnosticá-las. Em tempo de guerra deverá ser o auxiliar do cirurgião e, como tal, saber fazer os pensos da cabeça e face, dar anestésias gerais e, em caso de urgência, secundar o cirurgião. Em aparelhagem saberá colocar arcos de contensão e «bloquer» os maxilares. Destas primeiras intervenções dependem, muitas vezes, a duração e o bom resultado do tratamento.

Foi a habilidade manual do dentista e a natureza da sua especialidade que creou a prótese maxilo-facial e a elevou ao grau de perfeição actual; assim, o ser indispensável a sua colaboração nas respectivas enfermarias. As fracturas dos maxilares, com ou sem perda de dentes, são da sua competência, bem como a execução de moldes

especiais, confecção e aplicação de «casques», goteiras, bielas e arcos.

Deve ser o auxiliar imediato do cirurgião para as grandes perdas de substância da face e do crâneo, para a concepção, execução e colocação dos aparelhos de prótese. Ainda, pela prótese funcional e restauradora deve, em certos casos, ser o auxiliar do laringologista e do oftalmologista.

Por último, o cirurgião dentista trará o seu concurso no que respeita à identificação dos mortos, com as notas de observação e esquema que deverão figurar na sua caderneta junto aos outros sinais de identidade.

Entre nós, esta maior perfeição dos seus conhecimentos, êste, por assim dizer, novo aspecto da sua especialidade, não pode o odontologista adquirir-lo tão facilmente como no estrangeiro.

A lição da guerra, com todo o seu mostruário dos inúmeros e variados casos que as trincheiras diàriamente remetiam para a retaguarda, a poucos, mesmo pouquíssimos aproveitou, porque dos nossos pouquíssimos foram os que freqüentaram ambulâncias e hospitais, que estiveram em contacto diário com os milhares de militares que às enfermarias, dispensários e outros lugares de socorros eram enviados. Mas de então para cá—13 anos passados—onde encontrar, no nosso país, meio apto à aquisição, ao desenvolvimento, ao estudo dos conhecimentos indispensáveis ao cirurgião dentista de hoje, para, em qualquer campo, em quaisquer circunstâncias, poder desempenhar cabalmente o papel que o alargamento da especialidade em tôda a parte lhe impõe?

#### CAPÍTULO IV

### Treze anos perdidos

- Art. 3.º — O serviço de saúde militar nas câmaras de Angola e Moçambique compreende:
- a) A Direcção do Serviço de Saúde Militar, entre as demais funções de serviço superior das câmaras de câmbio;
  - b) O serviço de hospitais, compreendendo os hospitais, ambulâncias e serviços de ambulâncias;



Visto e meditado o que atraz fica dito e volvendo os olhos para Portugal, nota-se que, nesse ponto, o atrazo do nosso país promete ainda prolongar-se. Vejamos o que ainda há pouco se passou, quando da publicação dos decretos 20.050 e 20.118, de 10 e 28 de Julho de 1931, publicados na *Ordem do Exército* n.º 10, 1.ª série, de 10 de Agosto do corrente ano, relativos, respectivamente, à «Organização dos Serviços de Saúde das Colónias» e «Organização e Funcionamento da Secção Preparatória de Quadros e Cursos de Officiais Milicianos». O primeiro destes decretos, o que diz respeito aos «Serviços de saúde das Colónias», trata, no seu capítulo II, do «Serviço de saúde militar em Angola e Moçambique» e diz no seu artigo 3.º:

«Art. 3.º — O serviço de saúde militar nas colónias de Angola e Moçambique compreenderá:

- a) A Direcção do Serviço de Saúde Militar, anexa ao quartel general do comando superior das fôrças da colónia;
- b) O serviço de hospitalização, constituído por hospitais, sanatórios e depósitos de convalescentes;

- c) O serviço de juntas médico-militares;
- d) O serviço médico das unidades e estabelecimentos militares;
- e) O serviço farmacêutico militar;
- f) Os depósitos de material sanitário e de hospitalização;
- g) A escola de enfermeiros indígenas militares;
- h) A escola de praticantes de farmácia e de preparadores de laboratório indígenas militares;
- i) Uma companhia de saúde.

§ 1.º — O serviço de hospitalização, o serviço farmacêutico militar e os depósitos de material sanitário e de hospitalização, serão montados à medida que as circunstâncias financeiras da colônia o permitam.

§ 2.º — Enquanto não estiverem funcionando os serviços a que se refere o parágrafo anterior, incumbirão êsses serviços aos respectivos estabelecimentos civis do Estado».

O decreto 20.118 que trata dos quadros dos oficiais milicianos, inicia os seus considerandos da seguinte forma: «Considerando que circunstâncias várias têm impedido de se dar cumprimento ao disposto no decreto n.º 17.861, de 11 de Janeiro de 1930, sôbre a organização e funcionamento da Escola Preparatória de Quadros e Cursos de Oficiais Milicianos;

Considerando que se torna inadiável adoptar uma solução, embora transitória, que permita preparar e seleccionar, sob o ponto de vista de aptidão militar, aqueles que virão a constituir os quadros de complemento indispensável para um enquadramento em caso de mobilização;

Usando da faculdade que me confere, etc.  
etc.

E depois de tratar de tôdas as armas passa pela alínea *d*) do art. 14, aos serviços de saúde e diz:

«*d*) Para os serviços de saúde:

O curso médico;

O curso de farmácia».

Tanto num como noutro, nem uma palavra sobre odontologia!

Esta exclusão propositada de Portugal num assunto tão debatido, causa um mixto de vergonha e revolta. Pois nem a lição dos factos aproveitou aos colaboradores dêste decreto, apesar de tão recentemente publicado — 10 de Agosto de 1931. Cita-se o facto da discordância de alguns médicos e entre êsses um, como árbitro responsável nesta exclusão, em que empregou o argumento de «pêso» de que «com médicos tudo se remediaria».

Se esta frase houvesse sido empregada antes da guerra, teria de admitir-se por ignorância natural, pois também os franceses chamaram «empecilhos» aos dentistas, quando nessa ocasião haviam oferecido os seus ser-

viços. Mas depois das duras lições que factos lamentáveis se encarregaram de apresentar, só se compreende por maldade ou inépcia.

Porque não foram chamados os cirurgiões dentistas a colaborar nesse decreto, como se fez para médicos e farmacêuticos?

Já então teríamos a escola de enfermeiros dentistas, de mecânicos de prótese simples e maxilo-facial, de preparadores de prótese, etc.

Mas não; tudo se contentou, remediando-se com o «remediar».

Tem sido a «remediar» que não possuímos ainda serviços odontológicos no exército, já instituídos em tôdas as outras nações; foi «remediando» que — quando da guerra—fizemos a triste figura da falta de uma organização, da falta de material, da falta de pessoal—quando os outros já tudo possuíam—tendo de valer-nos os hospitais ingleses onde se não «remediava», mas onde se trabalhava, mercê de uma organização ciente e consciente. É ainda «remediando» que vamos ficando na retaguarda de todos, porque, infelizmente, o nosso país, tem, evidentemente, a primazia daqueles em que poucos produzem e muitos se esforçam por destruir qualquer cousa que represente progresso nascente.

Já lá vão 13 anos!

Lá fóra, apesar do muito que já se possui, continua a mostrar-se que de mais se precisa ainda, porque os factos que a guerra apontou, os progressos constantes da espe-

cialidade assim o exigem. Cá, continua a viver-se e a «remediar-se», como há 50 anos!

Possível é que, contemporâneo dos progressos dessa época, havendo fechado os alfarrábios de habilitação após a conclusão de um curso, metido num saber antiquado que recusa ver inovações nos métodos e processos e duvida dos descobrimentos, que nada vê, que nada conhece, que nada acompanha, haja hoje ainda um médico desconhecedor da evolução da odontologia e de todos os trabalhos apresentados sôbre uma ciência que, ano a ano, conquista terreno e se impõe. Por certo também ignora que no comêço da guerra o número de baixas ocasionadas, quer pelo mau estado dentário, quer por ferimentos e fracturas com ou sem perda de substância que exigiam a intervenção do cirurgião dentista, foi de tal forma assustador que os países que não tinham ainda êsses serviços devidamente organizados, o fizeram pela imposição da fôrça das circunstâncias, fôrça das circunstâncias a que o nosso Portugal apenas respondeu com o decreto que mobilizou os cirurgiões dentistas, mas deixando-se logo adormecer descuidadamente, esquecido e indiferente, com prejuízo da nossa dignidade de portugueses e profissionais.

Não. Os médicos modernos e conscientes sabem bem que as suas atribuições como médicos, não obstante tão vastas e transcendentés, não podem, no entanto, «remediar» dentro duma especialidade para que não têm preparação nem habilitação—também tão vasta e complexa—e muito menos satisfazer por forma a tornar prescindíveis, serviços em tôda a parte considerados indispensá-

veis. E se a êsses, felizmente ainda bastantes, fôsse pedida a sua opinião sôbre êste malfadado assunto, êles como sabedores, progressivos e conscientes que são, só poderiam emiti-la como o seu saber, a sua consciência, o seu espírito progressivo imporiam, e que, por isso mesmo, só poderia ser tendente a tornar completos e eficazes os serviços de saúde — aqueles em que a sua competência mais se patenteia.

Mas, afinal, porque não foram chamados os cirurgiões dentistas a colaborar nesse decreto? Únicamente porque predominou a opinião dum médico burocrata que disse que tudo se «remediaria» com médicos.

Esta fobia contra os cirurgiões dentistas, teimando ainda em encará-los sob os sinónimos de barbeiro e alveitar, procurando coartar-lhes os seus direitos, buscando pô-los de parte em tudo que seja tendente a colocá-los no lugar que lhes compete, apesar da evidência dos factos, dos exemplos, da experiência, leva-nos a perguntar:

Sabe êsse médico reformador o que seja a especialidade dentária?

Conhece o que se passou na Grande Guerra, mesmo com os países onde os serviços já estavam organizados?

Viu nas estatísticas o número de baixas ocasionadas por simples desarranjos dentários?

Está ao facto do papel que os cirurgiões dentistas desempenharam durante a Grande Guerra?

Tem lido os trabalhos publicados por cirurgiões dentistas e apresentados pelos mesmos em Congressos?

Visitou lá fora os museus da especialidade?

Freqüentou as clínicas dentárias militares, durante a guerra e em tempo de paz?

Pois se não sabe, se não viu, se não tem lido, se não visitou, se não freqüentou, se—enfim—não está ao facto,—com que autoridade pode dar uma opinião sôbre um assunto e tomar a responsabilidade de uma informação?

Mas a voz do progresso há-de-se fazer ouvir e a justiça há-de triunfar. Algum dia, uma comissão técnica, esclarecida e independente, proporá as medidas necessárias para que, numa reorganização se resgate o tempo perdido; e algum dia um ministro decidido, superior às influências dos empates burocráticos e rotineiros, em luta com as leis do progresso e a verdade dos factos, executará corajosamente os votos dessa comissão.



## CAPÍTULO V

### Estacionamiento e progresso



Em 1916 entreguei ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro da Guerra o relatório da representação ao Congresso Dentário Inter-Aliados, que me confiara. Passaram 15 anos, durante os quais a técnica e a organização odontológica se transformaram nos países estrangeiros em consequência dos ensinamentos da guerra. Pois êste mesmo relatório, apesar da sua data já afastada, conserva ainda bastante actualidade, quanto à situação portuguesa. A transcrição de alguns trechos, com os seus principais pontos de vista e dos relatórios neles apreciados, não seria, por isso, inoportuna; mas era uma reprodução demasiado longa. Contentar-me-hei, pois, com a citação de um ou outro trecho que compararei com o progressô no estrangeiro, comentando a seguir.

Afora o decreto da mobilização, a que atraz me reporto,—único passo andado em matéria odontológica e que apenas nos pôde aproveitar quando beligerantes—nada mais se avançou; e as considerações feitas, os exemplos ali patentes, os incitamentos a que me arrojé, se algum éco encontraram foi todo «sentimental», que de prático, de realizável, nada conseguiram.

Confio, apesar de tudo, em melhores dias que reabilitarão aqueles que, com coragem muito portuguesa mas persistência pouco nacional, não têm descurado êste assunto,

tido ainda para muitos como insignificante e por isso dispensável.

E assim será, por certo, pois tendo o país caminhado noutros campos a resgatar o tempo perdido e a colocar-nos numa posição de dignidade ao lado de outras nações, devemos esperar que não se mantenha só neste, em tão estranha apatia. E assim será ainda, por muito que pese áqueles que procuram diminuir uma especialidade e uma organização que desconhecem e que só por pessoal comodidade querem manter sujeita aos processos tradicionais da ignorância.

A página 84 do referido relatório, dizíamos ao tratar de «Clínicas Dentárias no Exército»:

«**Clínicas Dentárias no Exército**—Para  
«prestar cuidados dentários a tôda a guarnição de  
«Lisboa—18 unidades—o que representa uns milha-  
«res de homens, não falando já nos contingentes  
«da província que, por qualquer motivo, vêm por  
«vezes à capital, onde chegam a demorar-se meses  
«—existe um modesto gabinete no Hospital Militar,  
«em que um médico, que exerce a especialidade, é  
«o único clínico assistente. Só as indispensáveis  
«extracções e tratamentos de grande urgência são  
«ali executados; nem mais era possível atendendo  
«a que o operador é um e que as deficiências de  
«material são muitas. Em compensação enxameiam  
«os enfermeiros que se dedicam a essa espécie de

«*sport*. Não podem ser censurados; praticam-no na  
«presença dos seus superiores e com sua autoriza-  
«ção. São êsses homens que substituem os opera-  
«dores, ensaiando-se a seu belo prazer em arranca-  
«mentos brutais; e desta forma tudo se remedeia.  
«Perante a nossa situação actual, esta insu-  
«ficiência por certo nos virá a acarretar dissabores  
«que óxalá não sejam desastres. Houve-os em paí-  
«ses cujos serviços, aparentemente, nada deixavam  
«a desejar. Lá, afim de dar remédio ao grande mal,  
«muito se tem trabalhado, muito se trabalha ainda,  
«não só para proveito actual, mas para prevenção  
«de futuro.

«Seria certamente acertado que, por nossa  
«parte, nos não contentássemos com ver, mas que  
«agíssemos também, enveredando pela mesma es-  
«trada de aperfeiçoamento e progresso, com a  
«grande vantagem de que, longe de termos de nos  
«deter a cada passo afim de nos orientarmos,—en-  
«contramos o caminho já aberto, que outros traça-  
«ram e aplanaram.

Será exagêro dizer-se que durante êste período, 1916-1931, estacionámos como indiferentes, nada tendo adiantado, antes demonstrando claramente aos olhos de quem nos quizesse ver ou interrogar que tal matéria é para nós de todo estranha?

Em França—e aos seus serviços mais me refiro

por neles haver cooperado e por isso melhor os conhecer, —grandes foram as dificuldades que também surgiram e as lutas que houve para o conseguimento da quási perfeição a que chegaram, mas lá os factos impuzeram-se e a causa venceu; aqui, após 15 anos, nem o exemplo estrangeiro, nem as lições dos acontecimentos têm conseguido arrancá-la do marasmo a que se votou.

Assim, naquele país, antes da guerra — em 5 de Maio de 1913 — a Federação Dentária Internacional, officiava aos Serviços de Saúde do Exército, lembrando a criação dum quadro de cirurgiões-dentistas, alegando que não só prestariam relevantes serviços em tempo de paz, como seriam indispensáveis em tempo de guerra.

A êste officio respondia a Direcção dos Serviços de Saúde, dizendo que, em caso de guerra, os dentistas apenas serviriam de estôrvo e empecilho (*gêne et embarras*).

Pouco tempo depois dava-se a grande conflagração. As baixas ocasionadas por simples desarranjos dentários ultrapassavam tôda a expectativa — cêrca de 200.000 homens. Os dentistas mobilizados, não nessa qualidade mas em diversos outros serviços, prestavam os seus socorros, improvisando gabinetes e até instrumental. Tudo corria ao acaso, tudo eram imprevistos e os feridos da face e maxilares invadiam as ambulâncias e hospitais. A intervenção da parte cirúrgica era executada pelos inúmeros cirurgiões espalhados por todos os postos de socorros, mas cirurgiões apenas e não dentistas nem protesistas. Daí a deficiência dessas intervenções por falta da cooperação técnica da especialidade dentária. Como reparação

dessa falta, creava a Escola Dentária o Dispensário Militar e o Comité de Socorros aos Feridos da Face e Maxilares e chamava a cooperar nesta obra filantrópica os cirurgiões dentistas. Ali trabalhei durante cêrca de um ano.

Todos os dias a esta improvizada instituição chegavam grupos de operados, vindos dos hospitais, já cicatrizados uns, outros em via de cicatrização, mas todos inutilizados sob o ponto de vista mastigatório. Os dentistas eram então chamados extra-oficialmente para tôdas as ambulâncias e hospitais, até que em 20 de Fevereiro de 1916, o Ministro da Guerra — general Gallieni — oficiava ao Presidente da República pedindo-lhe a criação de um quadro de 1000 cirurgiões dentistas e nesse officio que precedia o respectivo decreto, dizia, entre outros comentários:

«A higiene moderna demonstrou a importância considerável que deve dedicar-se aos cuidados da boca e dos dentes. Desde o princípio das hostilidades, os dentistas mobilizados prestaram serviços apreciáveis e, graças ao seu concurso, numerosos militares que haviam sido reconhecidos inaptos, em razão da sua má dentição, ou que haviam sido feridos nos maxilares, puderam voltar rapidamente ao *front*.

«Mas a organização do serviço dentário precisa ser regulamentada e a melhor utilização dos dentistas exige a criação de um grande número

«de clínicas de cirurgia dentária repartidas pela frente, retaguarda e interior.

«Afigura-se necessário atribuir aos cirurgiões dentistas chamados a exercer as suas funções nas diversas formações, uma posição na hierarquia militar correspondente à sua autoridade técnica».

Daí seguiram-se os decretos e as ordens de serviço no sentido de um maior aproveitamento e aperfeiçoamento, progresso que não tem sido descurado após a guerra, como bem se demonstra nos trabalhos apresentados em todos os congressos da especialidade, onde êste país se coloca sempre a par dos mais avançados.

Para melhor me documentar e avivar a memória de quem êste ler, seja-me lícito chamar a atenção para as páginas 88 a 100 do meu relatório já referido—*Congresso Dentário Inter-Aliados de 1916*—que transcrevo em apêndice. (Vide Apêndice II)

No já aludido congresso de 1916 e que, conforme o regulamento, devia consagrar-se:

- 1.º—Aos feridos da guerra da face e maxilares—prótese maxilo-facial.
  - 2.º—À dentisteria—prótese militar.
  - 3.º—À organização dos serviços dentários na guerra e após a guerra,
- foram presentes 16 relatórios e 117 comunicações.

Todos estes trabalhos representaram o resultado da observação e experiência da guerra e alguns eram

como que um sinal de prevenção para o futuro, reconhecidos os inconvenientes que um indesculpável descuro havia ocasionado.

Não falando na parte que respeita a intervenções protésicas próprias do momento, em que tão notavelmente se salientaram tantos relatores e comunicadores,—do que então se escreveu e discutiu sôbre organização dos serviços, ainda, para nós, há muito de aproveitável e para copiar. Lembrarei, por exemplo, no extenso relatório do Dr. Sauvez, médico e adjunto técnico de estomatologia, o seu capítulo sôbre «Higiene Dentária», o qual desta forma se reproduz a pág. 251 do mesmo livro—«Congresso Dentário Inter-Aliados»:

#### «Higiene Dentária e Profilaxia dos

«**Edentés**»—Sauvez, neste capítulo, insiste por «que seja feita a maior propaganda de cuidados de «higiene dentária, não só nos exércitos mas em «todos os estabelecimentos onde haja aglomeração «de indivíduos, como escolas, liceus, etc.

«Confessa nem sempre ter dado ao caso a «atenção que êle merece, tendo considerado até, a «questão como secundária, banal e irrealizável; o «seu serviço actual, porém, forçando-o à observa- «ção de centenas de bocas, a que a falta de higiene «transformou não só em objecto repugnante à vista «e ao olfacto, mas num foco das mais variadas e «complicadas infecções, levou-o ao reconhecimento «do seu êrro.

«É necessário—diz—que todos os profissio-  
«nais prestem ao assunto o maior interêsse e a sua  
«mais diligente vontade. Sempre que haja ensejo,  
«o cirurgião dentista deve chamar a atenção, por  
«meio de palestras e demonstrações, para os bons  
«resultados que podem advir do perfeito cumpri-  
«mento dessa hygiene, e ainda que 90 vezes por  
«cento as suas palavras caiam em terreno esteril,  
«não pode dar por mal aproveitado o seu trabalho  
«se as restantes forem aproveitadas. A hygiene  
«dentária—um hábito que se adquire como o da  
«hygiene das outras partes do corpo—deveria ser  
«obrigatória já nos bancos da escola, para que bem  
«se enraizasse.

«A tarefa é hoje mais árdua, pois que os  
«adultos se não aclimatam fãcilmente a novos cos-  
«tumes, tanto mais difíceis de tomar, quanto mais  
«briguem com um natural e habitual desleixo, muito  
«cômodo».

Mais adiante, Sauvez, tratando do pessoal, diz que os gabinetes dentários de guarnição deveriam ser confiados, em princípio, aos dentistas militares. E a reforçar esta afirmação diz, a pág. 255:

«Não quer isto dizer que os médicos esto-  
«matologistas não podessem ser empregados como  
«chefes dêsses gabinetes, mas só quando sejam de

«facto estomatologistas, isto é, aqueles que tenham  
«seguido o curso de medicina só com o fim de se  
«dedicarem à arte dentária, tendo seguido os cur-  
«sos das respectivas escolas. Todos os outros se-  
«riam bem melhor aproveitados em medicina e ci-  
«rurgia gerais, onde o seu papel é, no momento  
«actual, tão útil e grandioso.

Entre várias considerações a êste respeito, diz Sau-  
vez no seu relatório:

«De passagem por diversas regiões, temos  
«visto de perto certos médicos da província que,  
«quando se apresentava a ocasião, extraíam dentes  
«e tiravam moldes que enviavam aos respectivos  
«mecânicos para fazer aparelhos em lamentáveis  
«condições, procurarem de algum modo embus-  
«car-se nos serviços de estomatologia, inculcan-  
«do-se especialistas, e assim certos médicos novos  
«que tinham aprendido em casa de um ou outro  
«dos seus confrades, sòmente durante algum tempo,  
«as primeiras noções de estomatologia as quais  
«apenas alguns meses antes da guerra haviam co-  
«meçado a exercer.

«Pensamos que a nossa opinião será parti-  
«lhada, não só por todos os médicos estomatológi-  
«cos sérios tendo ciência da soma de conhecimen-  
«tos que deve possuir o estomatologista e do tempo  
«necessário para ter adquirido um pouco de expe-

«riência, o que avaliamos num mínimo de cinco  
«anos, quando os médicos não tenham feito uma  
«escolaridade completa.  
«A especialidade deve ser um aperfeiçoa-  
«mento de resultados benéficos. Sofismá-la só trará  
«contraproducentes e funestas conseqüências».

É preciso notar que é um médico quem assim fala, um médico conhecedor da especialidade em tôdas as suas modalidades e a quem a experiência de dois anos de guerra dera ensejo a estabelecer uma opinião—dando o seu a seu dono. Segundo a sua criteriosa maneira de ver, nunca êle poderia apoiar o parecer «judicioso» de que «com médicos tudo se remedeia», última inscrição que, à maneira de *lasciate ogni speranza* bastou para sustar qualquer movimento em prôl de mais uma tentativa de nos collocarmos—em matéria odontológica— a par das nações civilizadas.

Mas no mesmo relatório—tal como outros relatores do recente congresso—já Sauvez propunha o emprêgo das fichas que, não só sob o ponto de vista dos tratamentos, mas também como identificação, podem ser de grande utilidade. Também lhe mereceram atenção as inspecções, alvitrando que deveria ser ordenado o exame às bocas de todos os soldados, no momento da incorporação e insta pelas conferências e demonstrações para fazer compreender o alto espírito da questão, diligenciando espalhar entre os militares, principalmente, e em todos se fôsse pos-

sível, ideas práticas, cujas vantagens em breve se evidenciariam.

Quanto a nós, como nada se fez, durante os longos anos que já nos separam do tratado de paz de Versailles, como, pior do que não aproveitar as lições da guerra, ainda no mundo oficial há quem se obstine a proclamar opiniões erradas, velhíssimas e desmentidas pela experiência de países mais avançados, creio que posso ainda manter quanto afirmei em 1916 e defender até, como oportuno, tristemente oportuno, o esboço da organização que então gizei. (Ver Apêndice III)

### Conclusões



Como a abolição definitiva da guerra é uma utopia, ainda que generosa e respeitável, e como é na paz que se preparam para a guerra e como nesta preparação desempenham papel de especial relevo os serviços de saúde nos todos os seus aspectos—médico, cirúrgico, odontológico, farmacológico e veterinário—deve Portugal criar uma organização doméstica que domaria nos seus estados, suficiente para lhes defender a saúde e o vigor em tempo de paz, e susceptível de rapidamente, em caso de mobilização, se adaptar às necessidades da guerra.

## Conclusões

Para a organização, digna dos seus fins e capaz de os conseguir, dos serviços domésticos do exército, é necessário criar um corpo de dirigentes sanitários militares, proporcional às suas necessidades, dar-lhes a independência autônoma e a categoria que por fim conseguiriam os corpos veterinários e farmacológicos.

A criação de um corpo de dirigentes sanitários poderia ainda fazer-se nas bases modestas, mas sólidas,



## I

Como a abolição definitiva da guerra é uma utopia, ainda que generosa e respeitável, e como é na paz que os povos se preparam para a guerra e como nessa preparação desempenham papel de especial relêvo os serviços de saúde em todos os seus aspectos—médico, cirúrgico, odontológico, farmacêutico e veterinário—deve Portugal crear uma organização de assistência dentária aos seus soldados, suficiente para lhes defender a saúde e o vigor em tempo de paz, e susceptível de rapidamente, em caso de mobilização, se adaptar às necessidades da guerra.

## II

Para a organização, digna dos seus fins e capaz de os conseguir, dos serviços dentários do exército, é necessário crear um corpo de cirurgiões dentistas militares, proporcional às suas necessidades, dar-lhes a indispensável autonomia e a categoria que por fim conseguiram os corpos veterinários e farmacêuticos.

## III

A criação de um corpo de cirurgiões dentistas, poderia ainda fazer-se nas bases modestas, mas viáveis,

que formulo no relatório que apresentei ao VIII Congresso Dentário Internacional, reproduzido no Apêndice I, cuja característica dominante é a consideração das modestas condições económicas do País.

#### IV

Como a cirurgia de guerra, restauração da face mutilada pelos estragos da metralha e dos mil acidentes dos combates, constitui uma especialidade muito diversa da assistência quotidiana, deve o futuro corpo de cirurgiões dentistas tomar por si mesmo a iniciativa da criação dêsse ensino de odontologia militar nalguns dos seus estabelecimentos, quer do que respeita unicamente ao cirurgião dentista, quer dos casos de colaboração com o médico cirurgião.

A criação de um museu odontológico, como demonstração de casos importantes, seria também um poderoso auxiliar de estudo e curiosidade científica.

#### V

Como temos muito caminho que percorrer, todo o que vai dos prejuízos tradicionais, da improvisação e de rudimentos precários ao último progresso, bom seria que o Ministério da Guerra continuasse a observar de perto o desenvolvimento destes serviços no estrangeiro, as suas discussões em congressos, a sua legislação, as suas alterações constantes.

## VI

Não considerando as realidades apontadas neste memorandum, o exército português não defenderá a higiene do soldado em tempo de paz, na medida em que a sua patologia se relaciona com a boca e os dentes, e na guerra inutilizará muitos milhares de homens, repetindo, noutras proporções, a experiência dolorosa da França que perdeu 230.000 combatentes nos primeiros meses da guerra, por falta de assistência dentária bem organizada nos seus exércitos.



## APÊNDICE I

### **Esbôço da organização dos serviços dentários do exército, em Portugal, apresentado ao VIII Congresso Dentário Internacional em Agosto de 1931**

Tendo, pelo Comité Organizador do VIII Congresso Dentário Internacional, sido convidada a Sociedade Odontológica Portuguesa a apresentar um trabalho sôbre a Organização Ideal dos Serviços Dentários no Exército em Portugal, e tendo sido encarregado dessa missão o capitão cirurgião dentista Brun da Silveira, do Pôsto do Hospital Militar Principal de Lisboa, foi êste oficial, por motivos imprevistos, substituído pelo autor destas linhas, apenas uns dias antes da abertura do Congresso, motivo por que esta pequena exposição não pode deixar de ser deficiente.

No entanto, procurarei dizer o essencial para poder avaliar-se do estado dos serviços odontológicos no exército português, das condições em que poderia melhorar-se

e, sobretudo—e é esta a tese apresentada pelo Comité:

«Qual a Organização Ideal dêses serviços em Portugal».

---

Em Portugal, os serviços odontológicos no exército estão ainda em embrião. Para o seu desempenho, existem apenas milicianos, cujo quadro comporta actualmente 5 capitães e 60 tenentes, mas destes oficiais apenas dois capitães estão em serviço activo—um no Hospital Militar Principal de Lisboa (Capital), e outro no Hospital Militar Principal do Pôrto.

A cargo de cada um destes oficiais e nos hospitais respectivos está a execução de tais serviços. Estes, muito reduzidos, como não podia deixar de ser com tão limitado pessoal, são grátis para praças, cabos e remunerados—segundo uma tabela mínima, publicada na *Ordem do Exército* n.º 4, de 18 de Maio de 1926—para oficiais e suas famílias.

Convém acentuar que, mesmo estes dois oficiais não fazem parte dum quadro efectivo de cirurgiões dentistas, porque tal quadro não existe, havendo apenas um quadro especial de milicianos no qual a admissão foi apenas motivada por se haverem aproveitado do decreto n.º 7823, que permitia o ingresso no serviço a todos os oficiais que, tendo feito parte do C. E. P. (Grande Guerra), obedecessem a determinadas condições.

A mobilização dos cirurgiões dentistas, determi-

nada pelo decreto n.º 778, em 1917, ainda em plena guerra, obedeceu a um imprevisto, à imposição dos factos; e se a sua acção benéfica não chegou a fazer-se sentir, como em todos os outros países, foi isso devido aos acasos da política que tolheram a acção e a intenção do ministro que a criou. Assim, em vez de se fazerem regulamentar esses serviços por profissionais de carreira, englobaram-nos nos serviços médicos, com manifesta desvantagem para a orientação que a êles deveria presidir.

As condições de melhoria dos serviços dentários no exército português baseiam-se no aumento do quadro e consequentemente dos postos odontológicos e extensão dos serviços a prestar.

Mas a pergunta do Comité refere-se à Organização Ideal de tais serviços e é sobre êsse tema que procurarei dizer o que a minha prática e observação me aconselham.

Em primeiro lugar, para que resultasse ideal uma organização dos serviços dentários, no exército do meu país, teriam estes que ter autonomia, como autónomos são hoje os serviços farmacêuticos e veterinários; e qualquer destes, sobretudo os farmacêuticos, só conseguiram desenvolver-se, engrandecer-se, honrando a classe e o país, ao fim de muito trabalho, de muitos anos de luta, quando alcançaram a sua autonomia.

Em Portugal, a luta entre o ponto de vista dos odontologistas e o dos médicos, ameaça ainda prolongar-se, com grande prejuízo da boa resolução do assunto; e se para os farmacêuticos foi penosa a tarefa de se emanciparem, apesar do seu maior número, das suas escolas—

hoje Faculdades—e das suas associações, à classe odontológica muito mais árdua será tal missão, devido sobretudo à infiltração médica que, pelo facto de ainda não estar regulamentado o assunto, tanto maior será, quanto maior fôr a expansão dos serviços.

Portanto, a organização dos serviços odontológicos no exército português, para ser ideal, teria em primeiro lugar que ser autónoma, mas, para isso, deveriam previamente definir-se os campos de acção de cada grupo, partindo do princípio de que a odontologia tem de ser para os odontologistas, como a medicina é para os médicos.

Uma vez colocados à frente dos serviços, profissionais de carreira, tudo será uma questão de regulamentação, a qual, no seu início, ficaria a cargo de uma comissão composta de 5 cirurgiões dentistas previamente nomeados dentre os mais categorizados.

Essa regulamentação obedeceria aos seguintes tópicos gerais:

1.º—Fixação do quadro permanente dos cirurgiões dentistas militares na Metrópole e Ultramar, em relação aos nossos efectivos;

2.º—Concurso documental e prático para o preenchimento do referido quadro;

3.º—Escolha entre os nomeados, de um chefe e de um sub-chefe, ficando o primeiro com atribuições de inspector;

4.º—Distribuição do pessoal técnico pelos diferentes serviços, os quais se dividiriam em: Centros de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes, e Serviços ambulantes.

A localização dêsses Centros seria :

De 1.<sup>a</sup> classe — Hospitais Militares Principais de Lisboa e Pôrto ;

De 2.<sup>a</sup> classe — Hospitais Regionais de Coimbra, Belem e Évora ;

De 3.<sup>a</sup> classe — Hospitais de Tomar, Chaves e Elvas.

Os serviços ambulantes ficariam pertencendo aos restantes 21 hospitais de guarnição.

Estes serviços dividir-se-iam em :

Gratuitos—cabos e praças ;

De pequena remuneração—sargentos ;

De remuneração, segundo tabela—oficiais e suas famílias.

As remunerações respeitantes a oficiais e suas famílias e a sargentos deveriam obedecer a dois pontos principais :

a) Facultar-lhes preços mais favoráveis em relação aos das clínicas particulares ;

b) Salvaguardar, tanto quanto possível, o Estado dum *déficit* na manutenção destes serviços.

5.<sup>o</sup>—Regulamentações dos serviços em tempo de guerra.

Para o Ultramar, seria a seguinte a distribuição dos serviços :

1 Pôsto de 1.<sup>a</sup> classe em Angola ;

1 Pôsto de 1.<sup>a</sup> classe em Moçambique ;

1 Pôsto de 2.<sup>a</sup> classe na Índia.

Haveria também gabinetes equiparados aos hospitais da guarnição da Metrópole em: Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Macau e Timor.

Os efectivos de cirurgiões dentistas e mecânicos para o bom funcionamento destes serviços seriam:

Metrópole—34 cirurgiões dentistas e 18 mecânicos;

Ultramar—11 cirurgiões dentistas e 6 mecânicos;

Total — 45 cirurgiões dentistas e 24 mecânicos.

A regularização destes serviços—inspecções, tabelas, horas de funcionamento, qualidade de serviços, minuciosidade de execução, etc.—dizem respeito à regulamentação interna a cargo do director.

E eis a traços largos o que, no curto prazo de uns dias que me foi concedido, me foi possível apresentar. Se é deficientíssimo em detalhes, é no entanto suficiente para se poder avaliar do que existe e daquilo a que é legítimo aspirarmos, em relação a um país que não é grande e as condições económicas bem modestas.

## APÊNDICE II

### **Serviços Dentários no Exército Francês durante a Guerra**

«Do serviço dentário no exército, não pode dizer-se extremamente esmerada a forma como se achava estabelecido antes da guerra. Regulamentado em 1907, remodelado em 1910, êsses serviços limitavam-se apenas a operações de primeira necessidade; extracções de dentes e tártaro, obturações a amalgama e cimento, e cauterizações. Como se vê, eram incompletos, não existindo a obrigatoriedade de inspecção.

A classe dentária francesa que, indiscutivelmente, contém em si profissionais de elevado valor, preocupava-se bastante com a rudimentar organização dêste serviço, e prevendo, muito judiciosamente, futuras complicações, intentou várias diligências com o fim de conseguir a sua reorganização.

Chegou, porém, a declaração de guerra; deram-se os primeiros recontros e logo dificuldades começam a surgir, devido à falta de assistência.

Nessa ocasião a França manifestou bem o seu patriotismo; grande número de classes, dentro dos meios ao seu alcance, contribuíram com o seu óbolo ou seu trabalho para a grande obra da defesa pátria. A classe dos cirurgiões-dentistas foi uma das primeiras, e pode afoitamente afirmar-se, daquelas cuja contribuição foi das mais valiosas.

Com uma rapidez de acção muito para louvar, em 5 de Agosto, dia imediato ao da declaração de guerra, a Sociedade da Escola e Dispensário Dentário de Paris, sob proposta de um dos seus mais eminentes professores — Paul Martinier — decidia a criação de um «Comité de Secours aux Blessés des Maxillaires et de la Face» que em 9 de Setembro seguinte fazia a sua inauguração com os primeiros feridos. Este «comité» que, como o seu anexo depois instituído no Hospital de la Pitié, é destinado somente ao tratamento de ferimentos recebidos em campanha e respectivas reparações protéticas, tem prestado relevantíssimos serviços de que são clara prova os milhares de militares que ali têm encontrado pronta e completa cura. A seu cargo tomou todas as despesas feitas com material e aparelhos e bem assim o provimento de pessoal habilitado; o movimento dos feridos, porém, dia a dia maior, por certo traria dificuldades de ordem pecuniária, se um apêlo feito a particulares e generosamente correspondido não viesse solucionar favoravelmente a situação. E no desejo de completar obra tão meritória, em Novembro imediato determinava a mesma Sociedade que no «Dispensário», onde diariamente se prestam cuidados dentários à população pobre de Paris,

fôsem concedidos idênticos cuidados aos militares do campo entrincheirado que dêles necessitassem, bem como aos convalescentes, e até, em caso de urgência, aos doentes em tratamento nos hospitais. Para êste fim foram destinados três dias por semana. A forma como foi acolhida esta organização pode avaliar-se pela média diária de militares ali tratados, que orça por 250. Mas estes socorros, além de não oficiais, estavam, por insuficientes, em relação às grandes quantidades de casos — cada vez mais numerosos — longe ainda de resolver o problema dentário no exército, sobretudo no momento critico que se atravessava. Era evidente êste facto, e no entanto os poderes públicos não lhe davam a solução que se impunha. Entretanto, o número de feridos da região maxilo-facial ia aumentando em enorme proporção pela guerra de trincheiras. Emfim, do agravamento das circunstâncias e principalmente dos esforços empregados nesse sentido pela Associação dos Dentistas de França, resultou o primeiro passo, para a organização de um serviço que hoje pode ser considerado modelar. O Ministro da Guerra, por circular de 10 de Novembro de 1914, criava os «centros estomatológicos de prótese maxilo-facial e restauração da face», em Paris, Lyon e Bordeaux, indicando o competente pessoal, e por outra de 21 de Dezembro seguinte, ordenava a nomeação de um dentista protesista em cada hospital de evacuação, destinado a aplicar provisòriamente pensos especiais e aparelhos de contensão aos feridos dos maxilares e face, que eram seguidamente enviados aos centros estomatológicos já instituidos.

Representavam estas determinações evidentemente um avanço, mas sem dúvida eram incompletas, já porque estavam longe de satisfazer todas as necessidades que a experiência ia demonstrando serem indispensáveis, já porque não resolviam a situação no exército dos diplomados dentistas, uma das questões em cuja resolução a classe andava empenhada.

A falta do exercício da dentistaria nas zonas da linha de fogo fazia-se grandemente sentir. ... Em tempo de paz, uma perturbação de um dia, um pequeno incomodo não altera a vida do militar, nem desarranja o seu serviço, relativamente leve; durante a guerra, uma saude perfeita é indispensável para a acção violenta de quasi todos os momentos, e o valor e boa disposição de espirito — condições indispensáveis no soldado como uma das probabilidades de vitória — não podem existir num corpo enfraquecido ou de que o sofrimento se apoderou. Um súbito mal-estar fisico ou moral pode acarretar um desastre e até a perda da vida. Os múltiplos desarranjos dentários, provocando por vezes sofrimentos dolorosos que aniquilam vontade e energia podem ainda trazer ao estado geral graves inconvenientes. A maneira imperfeita como se executa a mastigação ou impossibilidade de a fazer por absoluta insuficiência dentária, originam em geral desordens gastro-intestinais, podendo ainda dar causa a uma perda de fôrças, se atendermos principalmente a que a alimentação, sobretudo carnívora, usada em campanha necessita uma boa dentição, mal podendo ser utilizada por quem a não possua. Muitas baixas se deram em con-

seqüência de casos dessa ordem: — todos os militares sofrendo de gastro-enterites ou outras perturbações patológicas de origem dentária, eram evacuados da «frente» e muitos foram dados por incapazes para o serviço activo em razão do seu mau estado dentário. Foi ainda a Junta aludida, enquanto êsse serviço não foi devidamente estabelecido, que tratou êsses militares, alguns dos quais ficaram aptos a retomar o seu lugar nas fileiras. E no entanto grande número de cirurgiões-dentistas estavam na linha de fogo, como combatentes, onde muitas vezes o seu concurso era menos aproveitável do que poderia ser exercendo a profissão. Sempre que havia ensejo, êstes prestavam aos seus camaradas alguns socorros mas tão rudimentares quanto lho permitiam a escassez de instrumentos com que por providência um ou outro se havia munido ou que tinham obtido por empréstimo em casa de algum colega da vila mais próxima. Era por esta forma que procediam aos mais vulgares casos de dentística operatória, enquanto os obuzes passavam sôbre as cabeças e tendo por gabinete o fraco abrigo de uma trincheira. Houve quem, num ou noutro ponto, tomasse nota de todas as operações feitas em tais circunstâncias, e os números obtidos mostraram claramente, melhor que todos os argumentos, quanto urgia tomarem-se medidas que, pronta e eficazmente, remediassem êste insustentável estado de coisas. Por isso em Março de 1915 a Comissão Superior Consultativa do Serviço de Saude, no seu parecer sôbre os melhoramentos e aperfeiçoamentos a introduzir nos serviços de saude apresentava entre outras as seguintes clausulas:

- 1.<sup>a</sup>—La Comission exprime l'avis qu'un chirurgien dentiste soit affecté dans chaque régiment au service dentaire ;
- 2.<sup>a</sup>—Qu'un essai d'automobile dentaire soit effectué dans un corps de troupe ;
- 3.<sup>a</sup>—Que dans la zone de l'intérieur il y ait une utilisation intensive des écoles dentaires.

A êste parecer, que evidentemente representava uma melhoria, respondia o Ministro da Guerra ter já providenciado pela sua execução.

No entanto continuavam as irregularidades e deficiências já existentes, que só disposições com fôrça de lei poderiam satisfatòriamente resolver. Assim, só em 31 de Julho immediato, se procedia à inauguração da primeira ambulância automóvel militar constante de um pequeno gabinete dentário e um laboratório de prótese, possuindo mobiliário e todo o material necessário.

A iniciativa particular surgia entretanto, de uma forma admirável:—Várias juntas de assistência aos feridos de guerra se formavam, cujos serviços dignos dos maiores encómios continuamente se manifestavam, quer angariando importantes donativos, quer prestando socorros. É a uma destas juntas que o exército francês deve a primeira «fornada» dentária, que possuía—um perfeito gabinete, puxado por dois cavalos!—onde não falta o essencial para o exercício de dentistaria e prótese. Por seu turno as diferentes ambulâncias estrangeiras que se organizaram, das quais especializarei a americana—hoje admiravelmente montada e da qual adiante trato pormenoriza-

damente—concorriam para tornar mais extensivo ainda o grande movimento «pelos feridos de guerra»—sendo relevantes os seus serviços em todos os ramos da cirurgia.

O Govêrno, porém, se bem que fôsse tomando sôbre o assunto—cirurgia dentária—uma ou outra medida de valor, não preenchia muitas lacunas, não completava a sua obra de uma forma que em absoluto satisfizesse às necessidades que se impunham. Esta morosidade chegou no Parlamento a dar motivo a interpelações, e a imprensa prestava-se de bom grado a tornar-se eco das opiniões dos entendidos, dos protestos dos interessados.

Num dos jornais mais lidos de Paris, um antigo sub-secretário de Estado, terminava assim uma passagem de um seu artigo um tanto violento :—«Que les particuliers aident l'Etat on n'y peut qu'applaudir ; qu'ils se substituent à lui, c'est inadmissible».

Mas essa coadjuvação particular, não obstante representar um prestimoso auxílio, não podia por forma alguma abranger o vasto campo onde a acção do cirurgião dentista dia a dia se demonstrava imprescindível.

Passou-se tempo. Com o recrudescimentô da actividade na guerra, deu-se o aumento proporcional de feridos, a necessidade cada vez mais imperiosa de tornar extensivos a outras regiões, a outros pontos, os socorros em harmonia com a gravidade e com o grande número dos casos. Distante e próximo dos lugares onde o combate se desenrolava, urgia a criação de novos hospitais, de novas ambulâncias—destinados à árdua, mas gloriosa tarefa de tornar aptos para a vida, aqueles que as ponta-

rias inimigas haviam pretendido aniquilar. Na frente da batalha, por casos de simples dentística, por fracturas maxilares de importância relativamente mínima, muitas vezes se tinham desviado das linhas de fogo, a-fim-de irem a centros afastados receber curativo, combatentes que, se as ambulâncias próximas estivessem devidamente montadas com competente material operatório e protésico, respectivos operadores e mecânicos, não se afastariam do seu pôsto senão o tempo necessário ao tratamento, voltando seguidamente a ocupar os seus lugares.

Mais evidentemente que todas as propostas sãbiamente elaboradas, que todas as exposições brilhantes, estas provas vivas, palpáveis, impunham as providências que pouco a pouco se foram tomando. E então, gradualmente, novos centros de prótese maxilo-facial se instituíram, novas ambulâncias se criaram ou correspondentes secções nalgumas já instituídas.

São os seguintes êsses centros:—Em Paris-Val de Grâce, antigo convento das carmelitas St. Louis, Hospital A n.º 1, Hospital Lariboisière, Hospital A n.º 122, Collège Rollin, Hospital C n.º 22, Escola Dentária de Paris, Hospital C n.º 72, Lyceu Michelet, Hospital Americano em Neuilly; havendo além dêstes os seguintes:—Em Rouen, Le Mans, Bourges, Angers, Rennes, Limoges, Royat, Lyon, Marseille, Montpellier, Toulouse, Bordeaux e Nancy. Foram também estabelecidos centros de prótese dentária simples além do dispensário da Escola Dentária em Paris, outros em Versailles, Rouen, Le Mans, Orléans, Chalons-sur-Marne, Besançon, Nevers, Angers, Rennes,

Nantes, Angoulême, Clermont-Ferrand, Lyon, Nice, Montpellier, Toulouse, Bordeaux, Nancy e Chaumont.

Finalmente, em 26 de Fevereiro de 1916, após tantas diligências, era assinado o decreto que criava o corpo de dentistas militares, e em 1 de Março seguinte o que instituía o corpo de dentistas da Marinha.

Dos quatro artigos de que consta citarei, para abreviar, apenas o mais importante; os outros dizem apenas respeito à posição hierárquica, soldo e outras fórmulas usuais. O referido artigo é do teor seguinte:

«Art. 1.º — Les militaires pourvus du diplôme de chirurgien dentiste, soit dans la reserve de l'armée active, soit dans l'armée territoriale, peuvent être, pendant la durée de la guerre et dans la limite des besoins, désignés pour remplir les fonctions de «dentiste militaire» tant dans les corps de troupes que dans les formations sanitaires de campagne ou les établissements hospitaliers du territoire».

O ponto importante da questão estava enfim resolvido e a acertada medida começou desde logo a produzir os seus benéficos efeitos.

Da junção dêste concurso oficial com o particular, parecia que os serviços dentários no exército francês se tornariam satisfatoriamente completos. A classe dos cirurgiões dentistas, porém, à qual pelas diligências empregadas, pelos relevantes serviços prestados se devia em grande parte o exito obtido, não se dava ainda por satisfeita. Era necessário completar a obra quanto ao presente, organizá-la perfeita e definitivamente para o futuro.

Esta lei, imposta pelas circunstâncias, após inúmer-

ros desastres, originados em maioria por uma indesculpável imprevidência, fôra decretada como remédio de ocasião, não apresentando bases como obra definitiva.

Foi então que da «Fédération Dentaire Nationale» surgiu a iniciativa do Congresso Dentário Inter-Aliados.

Nesta louvável deliberação, se é muito para admirar o esforço dos que á grande empreza se arrojaram, não o é menos o espírito de elevado patriotismo que a ditou.

Quem pela simples leitura de telegramas de jornais quizer avaliar do estado de espírito de algum dos países em guerra, só ideias falsas poderá formar. As lacônicas notícias de ataques e contra ataques acrescentadas com números — não raro exagerados — de feridos, mortos e prisioneiros, dando-nos a impressão de que uma atmosfera de sangue e luto envolve as nações combatentes, leva-nos a supor que, emquanto parte do país tem apenas olhos para as posições estratégicas dos exércitos e para o crescente fabrico de munições,—a outra lamenta-se e desola-se contemplando aterrada as pilhas de cadáveres e as ruínas fumegantes. É no entanto a França, que citarei como exemplo, pois dêste país venho tratando—não obstante as grandes perdas sofridas, a desolação de algumas das suas vilas, trabalha para o futuro com uma vontade, com uma energia que muito a honram. É necessário que a rude lição sofrida não só momentaneamente aproveite, mas que, pelas precauções tomadas, pelas providências adoptadas, a França de após a guerra esteja apta a ombrear com as nações cujo progresso mais se evidencia,— não se deixando de novo adormecer descuidada, embalada

por doutrinas de paz e liberdade entoadas de Alem-Rheno, e confiante até à cegueira em farrapos de papel.

E é assim que em todos os ramos de artes, ciências, indústrias, se trabalha para que com a hora da paz resurja mais activa e próspera a vida do país.

Mais talvez que tôdas as outras ciências, a cirurgia, em virtude das circunstâncias, tem sofrido durante este período notável impulso. Aliada à protese, podem considerar-se verdadeiras maravilhas alguns dos seus trabalhos, nunca como agora tendo aparecido tão variados e numerosos casos em que tenha sido exigida a sua intervenção. Nestas condições está a cirurgia e protese maxilo-facial, que em nenhum tempo alcançou o grande desenvolvimento actual, motivado pelo importante contingente de feridos desta região fornecido pela guerra de trincheiras. Completas novidades — assim podem classificar-se — surgindo todos os dias, forçaram a estudos, aperfeiçoamentos, tentativas, num único desejo de conseguir o mais possível, fazendo que processos adoptados hoje, fôsem abandonados amanhã, para serem substituídos por outros com mais garantias de exito, e que aqueles que aqui se utilizavam fôsem além postos de parte como incompletos ou imperfeitos.

Êste trabalho de esforços isolados com orientação diferente para o conseguimento do mesmo fim, não poderia preencher cabalmente o seu destino; para isso eram necessários a junção e o acôrdo,—que só se alcançariam com a realização de uma verdadeira exposição de trabalhos práticos e teóricos, onde com provas palpáveis, ar-

gumentos convincentes, frisantes exemplos, fôsem desvanecidas as dúvidas existentes, e ficassem assentes os métodos e processos a seguir como meios mais práticos e de efeitos mais rápidos e seguros. Mais ainda: — era preciso que após a guerra, quando o país voltasse à normalidade, — os serviços de cirurgia dentária no exército fôsem olhados como é mister e não reduzidos aos rudimentares cuidados anteriores, que obrigaram agora a uma recrudescência fatigante de actividade. Que se manifestassem as opiniões dos que pelo assunto se interessam, que fôsem apreciadas, estudadas, discutidas, e, então, extraída a parte aproveitável, fôsem empregados os meios para ser esta a base sôbre que deveria assentar a futura organização».

(Do Congresso Dentário Inter-Aliados,  
Lisboa, 1916, págs. 88-100)

### APENDICE III

#### **Uma conclusão do Relatório de 1916**

«A terceira das nossas conclusões, a mais oportuna, tanto pela actual conjuntura política, como por se referir ao principal objectivo dêste livro, versa sôbre as clínicas dentárias militares.

De crer é que, depois da actual guerra, os povos continuem a manter grandes quadros permanentes de tropas, isto é, a mesma dispendiosa paz armada, em que pese aos pacifistas, bondosos espíritos que confundem um pouco as realidades e as suas aspirações. A paz só reinará no mundo quando o carácter humano se houver transformado radicalmente, quando aqueles espectros de que fala Ibsen e que de quando em quando irrompem na nossa vontade, vindos do mundo dos velhos mortos, da plena barbarie, forem sufocados por um estado de requintada cultura, em igual adiantamento em todos os povos. E isso é uma utopia, porque sempre haverá rivalidades de interesses e sempre estas rivalidades poderão tomar um carácter agudo, só pelo conflito armado resolúvel.

Poderá objectar-se que a paz será possível por meio da guerra, quando alguma nação esmagadoramente poderosa sob si asfixiar todos os ímpetos belicosos das nações menos vigorosas, mas tal paz é apenas a preparação da guerra, e por isso muito provisória e sempre circunscrita a massas de população, comparativamente pequenas em relação à totalidade da humanidade. Foi esta paz, a única até hoje possível no mundo, a que conseguiram os grandes impérios da história, mas eles caíram e passaram, e de novo a guerra se desencadeou no mundo... Por tanto, enquanto mais terra a terra eu apresento as minhas opiniões sobre os serviços odontológicos no exército, creio que não digo coisas inoportunas, trabalho que amanhã a nova ordem de coisas do mundo tornasse risível — pois mesmo fazendo pequenas construções, é natural do nosso orgulho e amor próprio diligenciar discriminar-lhes alguma valia que as eleve além de estultos devaneios.

Ora, sendo o tempo de paz aquele em que os exércitos se organizam e preparam para a guerra, e sendo os serviços odontológicos um subsídio de alcance para o éxito final, lógico é portanto cuidar escrupulosamente em tempo de paz da organização desse serviço.

Atendendo, porém, à nossa actual situação de beligerantes, colocarei em primeiro lugar os serviços odontológicos de guerra que nos devem merecer de pronto a maior atenção.

O modelo estrangeiro, bem patente, bem organizado e com largas vistas de remodelações e aperfeiçoamentos baseados nos factos diários, é digno de cópia.

E se esta não puder ser exacta, porque motivos alheios à boa vontade, ao desejo de progresso, ao espírito de patriotismo, a isso se opuzerem, — impõe-se pelo menos a criação do essencial para que aos desastres — conseqüências inevitáveis do combate armado — se não venham juntar os resultados de imprevidências ou de preparação imperfeita.

Escusado é repetir vantagens e inconvenientes do estabelecimento ou abstenção dos serviços odontológicos no exército. Citam-se a cada passo no decorrer do rudimentar trabalho que conluo.

E tanto elas naturalmente se acentuam que o Ex.<sup>mo</sup> Senhor Ministro da Guerra apresentou ha pouco ao Parlamento um projecto para a criação de um corpo de cirurgiões dentistas no exército o que já representa um passo para a organização de uma medida em que até hoje jámais se pensou.

Todo o complicado mecanismo da organização da cirurgia dentária em tempo de guerra visa a três principais objectivos:

1.º — Aproveitamento do maior número possível de combatentes, evitando-se, pela aplicação de cuidados dentários, que o serviço da defesa seja prejudicado;

2.º — Satisfazer à diversidade das operações a executar e dos auxílios a prestar, quer em cirurgia e protese de guerra, quer em cirurgia e protese dentárias, uns mais demorados que outros, uns mais urgentes que outros;

3.º — Rapidez máxima para não prejudicar o regular andamento das operações militares por diminuição dos

efectivos com a ausência dos militares em tratamento.

Para êste triplice fito seria necessário :

- 1.º—Mobilização dos cirurgiões dentistas ;
- 2.º—Mobilização dos mecânicos ;
- 3.º—Aquisição do necessário material e utensílios para as competentes instalações durante o período de guerra.

*Cirurgiões dentistas* :—A variedade dos serviços a prestar, que vai do simples penso aos mais complicados casos de cirurgia e protese de guerra, daria azo a que tôda a classe, a despeito da sua heterogeneidade, pudesse, dentro do seu papel, prestar assinalados serviços, organizando-se, a exemplo do que lá fora já se acha estabelecido e em relação aos vários conhecimentos :

    pensos e curativos de urgência—dentistaria operatória—(camions-gabinetes) ;

    socorros simples de dentistaria e protese vulgar (gabinetes de guarnição) ;

    tratamentos de urgência em cirurgia e protese de guerra (protese provisória — ambulâncias da «frente»);

    tratamentos demorados, complicados, protese definitiva (centros estomatológicos).

Essa mobilização poderia ser feita em harmonia com as necessidades, isto é, estabelecendo-se para ela o mesmo critério que tem sido usado para com a dos médicos, tendo em atenção a proporção dos cirurgiões dentistas por cada grupo de unidades mobilizadas.

*Mecânicos*:— Como na classe dos cirurgiões dentistas, há grande distinção entre as habilitações dos mecânicos, as quais dependem em geral do tempo de prática e da qualidade do trabalho que têm executado. Seria indispensável, atendendo a não possuírem diplomas, que um concurso de provas públicas estabelecesse as categorias a que deveriam ficar pertencendo. A sua cooperação é indispensável. Junto ao cirurgião protesista que cria modelos em relação aos casos, indica e dirige, deve existir o mecânico que executa.

A protese tem actualmente um papel de destaque e a sua importância dia a dia se acentua, sendo, como as da cirurgia, extensíssimas e variadas as suas atribuições.

*Material e utensílios*— Para que o serviço estomatológico tenha a devida execução, não basta o pessoal que o pratique, mas que não falem os meios para o seu rápido e bom andamento,

Não haja o supérfluo, mas exista o essencial.

Para de pronto, no curto lapso de que é possível dispôr, poder-se-ia levar a efeito uma organização de momento, que, não possuindo indubitavelmente as perfeições das dos países onde já estava lançada ou em preparação, representaria a forma de, tanto quanto possível, remediar um inconveniente grave, que em parte, pode afectar a marcha regular do serviço de combate.

*Tempo de paz*:— Quando a paz de novo vier trazer ao país a normalidade, não deve ser despresado um assunto que os factos actuais têm demonstrado digno da maior atenção e cuidado.

É uma questão de humanidade como de defesa nacional. De humanidade, cuidando os que sofrem, evitando por meio de tratamento adequado complicações e sofrimentos de ordem diferente e vária. De defesa nacional, proporcionando aos soldados meio de se tornarem saudáveis, e, portanto, fortes e bem dispostos combatentes.

É indispensável, pois, a criação de um corpo de cirurgiões-dentistas no exército, mas independente do corpo de médicos, do corpo de veterinários e do corpo de farmacêuticos, mas paralelo em imunidades e regalias. Devem dar-se-lhe as mesmas honras militares, faculdades de promoção e no exercício das suas funções autonomia completa. Igualmente deve ser criado um corpo de mecânicos, em tudo semelhante ao corpo de enfermeiros, mas dêle independente.

Nos hospitais militares deverão ser criadas clínicas dentárias, dotadas de toda a aparelhagem e todo o instrumental indispensáveis, onde se pratiquem todos os tratamentos.

O Congresso Dentário Inter-Aliados, acto primacial dêste relatório, representa a soma de muitos esforços, de muita energia, sintetizando todo o movimento extraordinariamente progressivo da estomatologia nestes últimos tempos.

Foi êsse progresso que me fez, dentro do assunto, alargar em considerações para o nosso meio, estabelecendo confrontos, narrando visitas, incitando a imitações.

Mas de que nos serviria, afinal, ir ver, estudar praticar o que se faz lá fora, se a tudo isso não presidisse o são desejo de trazer para entre nós o que là ha de útil de aproveitável, de belo e grandioso?»

(Do *Congresso Dentário Inter-Alliados*,  
Lisboa, 1916, págs. 268-274)



INSTITUTO DE CARVALHO



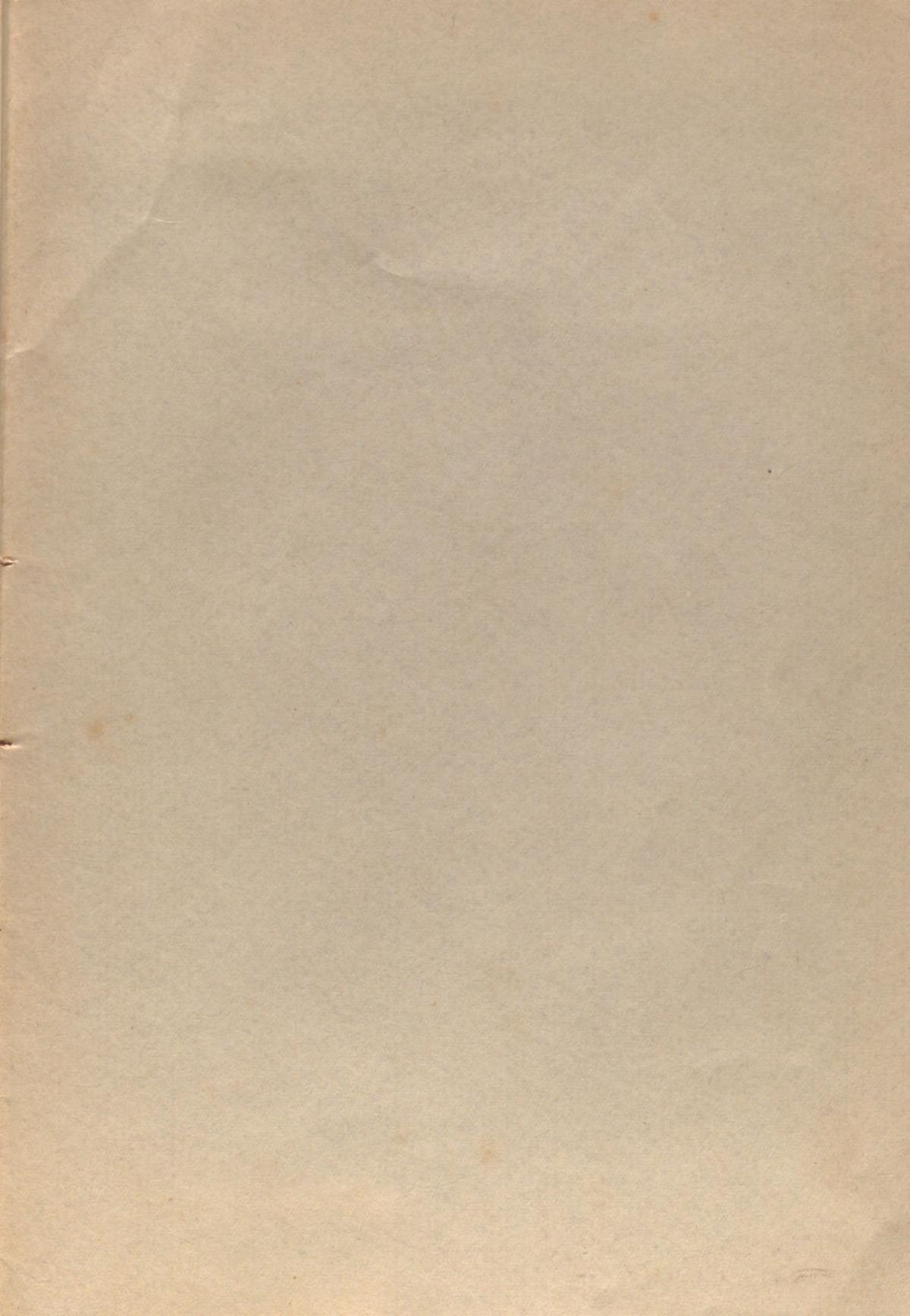
## ÍNDICE

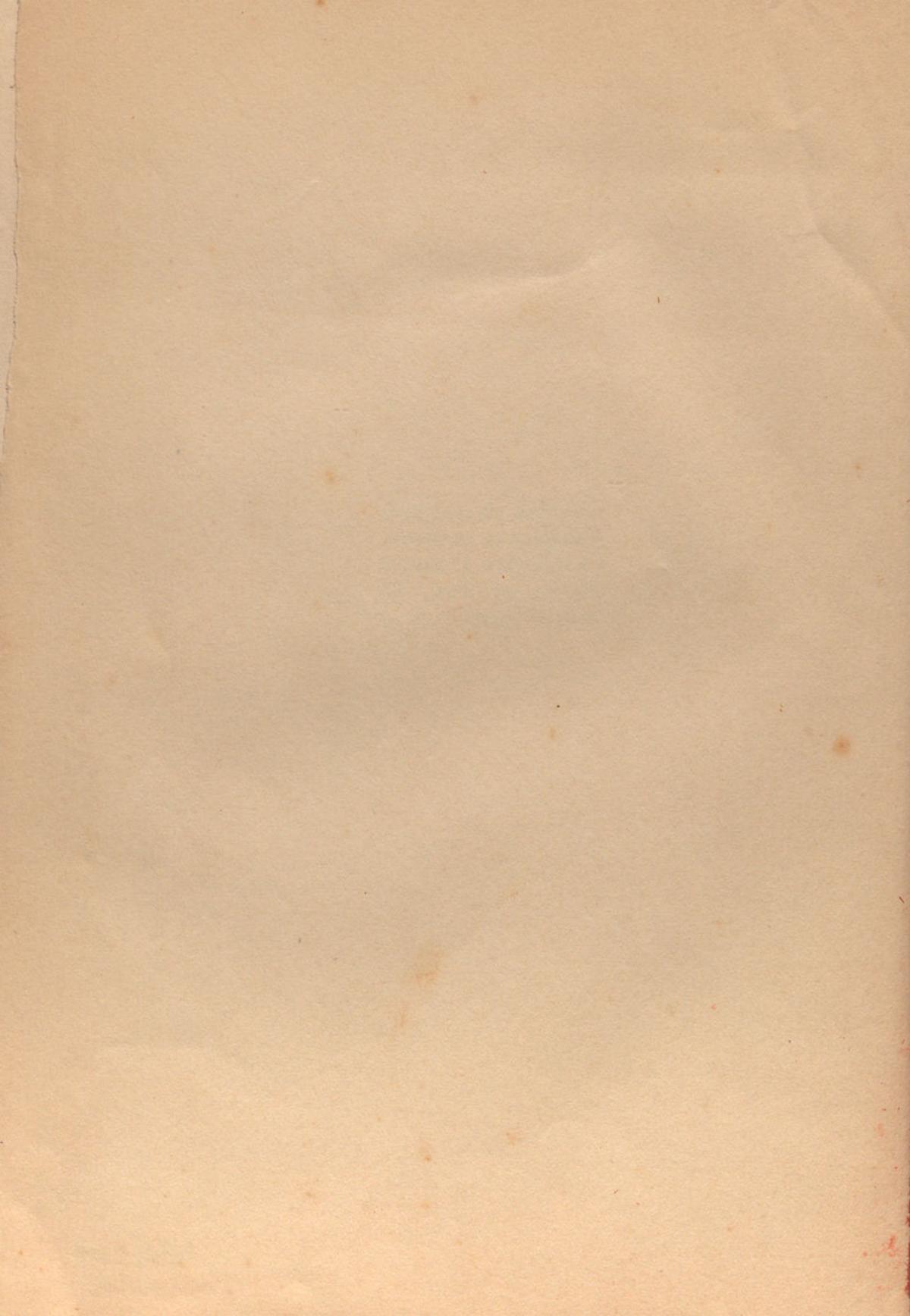
	Pág.
Pequeno prólogo .....	5
I —Um pouco de história.....	11
II —A situação presente.....	19
III—Relatórios estrangeiros no Congresso (Súmula).....	25
IV—Treze anos perdidos.....	37
V —Estacionamento e progresso .....	47
Conclusões.....	61
Apêndice I —Esbôço da organização dos serviços dentários no exército, em Portugal.....	65
Apêndice II —Serviços dentários no exército francês durante a guerra.....	71
Apêndice III—Uma conclusão do relatório de 1916.....	83



ESTE LIVRO FOI COMPOSTO  
E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA  
«A COMERCIAL LIMITADA»  
RUA DO CRUCIFIXO, 85  
— — — LISBOA — — —









RÓ  
MU  
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA



\*1329677172\*

